

Vestido, quimono e peruca **Produções narrativas e imagéticas de si: rostidade e professoras *em devir***

Maria da Conceição Silva Soares
Simone Gomes da Costa

“Se quer me seguir-me, narro-lhe; não uma aventura, mas experiência, a que me induziram, alternadamente, séries e raciocínios e intuições. Tomou-me tempo, desânimos, esforços. Dela me prezo, sem vangloriar-me” (ROSA, 2019, p. 69).

Ao lançarmos mão da frase do narrador-personagem do conto *O espelho*, de João Guimarães Rosa, “Se quer me seguir-me, narro-lhe”, fazemos um convite ao compartilhamento pelo leitor das experiências narradas por professoras sobre as suas formações docentes, entremeadas, indissociavelmente, por seus sonhos e trajetórias de vida, a partir do recorte e do registro de alguns fragmentos destas narrativas que aqui tivemos o critério de transcrever. Para tanto, nos debruçamos sobre a pesquisa em andamento intitulada *Professoras em devir: fabulações imagéticas de si, problematizações do feminino e implicações para a docência*¹, cuja proposta consiste na criação de *espaçostempos* para, através de fabulações imagéticas sobre si, simultaneamente, interrogar, refuncionalizar, potencializar, esgarçar e alargar as tessituras das redes de práticas e significações de professoras sobre o feminino e a docência, suas potências e invenções, e, dessa forma, por tabela, problematizar o sistema corpo-gênero-sexualidade. Interessa compreender como nessa tessitura de estéticas de existência se estabelecem articulações entre saber e poder, se exercitam relações de força e se constituem as disputas em torno das significações e da criação de valores forjados com os múltiplos contextos de formação e com as redes curriculares tecidas cotidianamente e, com isso, criar *espaçostempos* para produzir com as mulheres que participam da pesquisa novas/outras imagens de si e outras/novas imagens para

¹ Pesquisa desenvolvida na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no Grupo de Pesquisa CNPq “Currículos, Audiovisuais e Diferença”, coordenado pela professora Maria da Conceição Silva Soares. E-mail: ceicavix@gmail.com.

pensarmos a docência e os currículos. A produção de ensaios fotográficos e videográficos das professoras, nos quais elas decidiram como se darão a ver, como querem ser vistas e ouvidas, pode se constituir em um *espaçotempo* para que esses objetivos, juntos e misturados, sejam exercitados.

Neste artigo, vamos nos valer do conto rosiano *O Espelho* a fim de fazer uma aproximação e buscar decantar das experiências narradas pelas professoras participantes da pesquisa os conceitos de rosto e rostidade desenvolvidos por Deleuze e Guattari (2012), em *Mil Platôs*. No conto, o narrador é surpreendido por sua imagem refletida em um jogo de espelhos em um banheiro público e, de imediato, de pronto, não se reconhece nela. Sua reação diante da imagem que vê refletida, o efeito perturbador que ela causou nele, foi o que nos sugeriu, nos remeteu, de saída, ao conceito de rostidade dos autores. No decorrer da história de Guimarães Rosa, o personagem narra as suas inquietações, questionando as limitações próprias do olhar, *que padecem de viciação*. Ele narra as suas reflexões, *série de raciocínios e intuições*, a sua experiência em uma procura do *eu por detrás de mim*. A seguir, nas palavras do escritor, o seu espanto inicial:

Dois espelhos – um de parede, o outro de porta lateral, aberta em ângulo propício – faziam jogo. E o que enxerguei, por instante, foi uma figura, perfil humano, desagradável ao derradeiro grau, repulsivo senão hediondo. Deu-me náusea, aquele homem, causava-me ódio e susto, eriçamento, pavor. E era – logo descobri... era eu mesmo (ROSA, 2019, p. 71).

O rosto, segundo Deleuze e Guattari (2012, p.36), *não é invólucro exterior*, mas sim produzido através de operações de significação e processos de subjetivação. Nele, como em um muro, se constrói uma superfície onde os significantes são inscritos e também se escava o *buraco* que a subjetivação necessita para atravessar. É esboçado no *muro branco*, onde inscrevem-se os signos, e no *buraco negro*, necessário para processos de subjetivações, paixões e redundâncias. Marques (2015), pautada pelo pensamento destes autores, de modo bastante contundente, pontua que *o rosto não é um universal. Rosto é política. É uma produção* (p. 167).

Os rostos não são primeiramente individuais, eles definem zonas de frequência ou de probabilidade, delimitam um campo que neutralizam antecipadamente as expressões e conexões rebeldes às significações

conformes. Do mesmo modo, a forma da subjetividade, consciência ou paixão, permaneceria absolutamente vazia se os rostos não formassem lugares de ressonância que selecionam o real mental ou sentido, tornando-o antecipadamente conforme a uma realidade dominante. O rosto é, ele mesmo, redundância. E faz ele mesmo redundância com as redundâncias de significâncias ou frequência, e também com as de ressonâncias ou de subjetividades (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 36).

O reflexo inquietante com o qual o personagem se depara, tentando, sem sucesso, reconhecer-se nele, pensamos ser possível relacioná-lo à projeção da rostidade. Uma imagem constituída pelos processos da *máquina abstrata* a partir não de aspectos humanos, mas políticos e econômicos associados às relações de poder. Daí o não reconhecimento por parte tanto do personagem do conto, que busca reconhecer-se na imagem refletida no espelho, como das professoras apresentadas neste trabalho, ao narrarem fragmentos de suas experiências e trajetórias docentes em contextos que a remeteram à ação deformadora da engrenagem da *máquina abstrata* (DELEUZE-GUATTARI, 2012) – que *surge quando não a esperamos nos meandros de um adormecimento, de estado crepuscular, de uma alucinação, de uma experiência de física curiosa* (p. 37). Guimarães Rosa, mediante a narrativa de seu personagem, adverte aos incautos:

Se nunca atentou nisso, é porque vivemos, de modo incorrigível, distraído das coisas mais importantes. E as máscaras, moldadas no rosto? Valem, grosso modo, para o falquejo das formas, não para explodir da expressão, o dinamismo fisionômico. Não se esqueça, é de fenômenos sutis que estamos tratando (ROSA, 2019, p. 69).

E nós perguntamos: tais fenômenos sutis descritos por Guimarães Rosa não seriam, justamente, os que operam as inscrições da rostidade, como proposto por Deleuze e Guattari? Seriam *as máscaras moldadas no rosto*?! A superfície onde se faz a planificação, o falquejo das formas para que não haja a explosão da expressão, nem os *dinamismos fisionômicos*?

Os rostos concretos nascem de uma máquina abstrata de rostidade, que irá produzi-los ao mesmo tempo que der ao significante seu muro branco, à subjetividade seu buraco negro. O sistema buraco negro-muro branco não

seria então já um rosto, seria a máquina abstrata que o produz, segundo as combinações deformáveis de suas engrenagens. Não esperemos que a máquina abstrata se pareça com o que ela produziu, com o que irá produzir (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 37).

Buscamos destacar em nossos trabalhos as *praticantespensantes* dos cotidianos, por entendermos, em acordo com a linha de pesquisa à qual nos associamos, a relevância dos *saberesfazeres* que as mesmas produzem em suas respectivas práticas pedagógicas e os modos como vão se constituindo como professoras. O enredamento dos diferentes fios que compõem a produção do conhecimento em rede possui, além da habilidade desenvolvida junto a sua formação inicial, as tramas vivenciadas em suas trajetórias de meninas, mulheres, alunas, mães, professoras e pesquisadoras. Interessamos, ainda, pensar como o emaranhado de todos esses fios constituem as produtoras e as produções dos *espaçostempos* das escolas, do fazer pedagógico e das aventuras do *ensinaraprender*. Em acordo com os movimentos sugeridos pelas pesquisas nos/dos/com os cotidianos, faz-se de grande importância, indispensável a incorporação dessas praticantes.

Nesse movimento, o mais importante nas pesquisas nos cotidianos é identificar e incorporar os *praticantespensantes* com suas memórias de suas tão diferentes criações culturais e curriculares tratando dos “*conhecimentossignificações*” que produzem em suas tantas narrativas, como resposta a suas necessidades cotidianas, com seus modos de compreender o mundo e nele agir, nas tantas redes educativas que formam e nas quais se formam (ALVES; CALDAS; ANDRADE, 2019 p. 33).

Trazemos para este artigo três professoras que se dispuseram a participar deste projeto, com suas narrativas e produções imagéticas videográficas e fotográficas, feitas em estúdio montado pelo grupo de pesquisa, se autoapresentando do modo como desejam ser representadas. Esses fragmentos e imagens contribuem para reflexões pertinentes à problematização da máquina abstrata de *produzir rostos*, incluindo-se aí o rosto-professora. Tatiana, Shênia e Anna Paula são professoras de diferentes segmentos da educação e, ao narrarem episódios pontuais de suas trajetórias de vida e formação, nos oferecem as pistas para compreender o funcionamento, a maneira como opera esta

engrenagem política. A partir da reação, das respostas, dos olhares que obtiveram e refletiram suas imagens, seus rostos, seus corpos, seus cabelos ou suas vestimentas, ou seja, pelo efeito causado no outro diante de seus modos de existir, podemos verificar em suas narrativas a ação da *máquina abstrata de rostidades*, identificando, classificando, distinguindo e discernindo como estas professoras subjetivam a existência, o modo como cada uma delas fabrica estética de existência, sua *produção de si e de mundo* (KASTRUP, 2005), suas *táticas* (CERTEAU, 2012) de praticantes dos cotidianos, além de suas formas de habitar os *espaçotempos* do *saberfazer* pedagógico.

O vestido – Tatiana



Imagens do acervo da pesquisa. Foto: Maíra Mello

Meu nome é Tatiana, sou professora de Artes. Eu comecei a lecionar em 2012; em 2014, eu entrei na instituição privada onde trabalhei por um ano e retornei ao ensino público onde, desde então, dou aula nos turnos da manhã e tarde, para as turmas de fundamental I até o ensino médio. Eu tive várias experiências com crianças, até adultos, porque na EJA a gente pegava principalmente idosos retomando o ensino. Diante disso tudo, eu já tive várias experiências de boas até experiências ruins. Começando pelo fato de que eu não queria ser professora, apesar de ser formada em artes visuais, eu nunca pensei que eu iria ser professora. Eu prometi para mim mesma no fundamental I que jamais eu voltaria a pisar numa escola. Não foi o que aconteceu, né?!

Quando eu entrei na sala para dar aula, foi numa comunidade da cidade de Vitória-ES, comecei a ver coisas diferentes e principalmente a capacidade que eu, como professora, tinha de mudar a vida de alguém. E foi a partir daí que comecei a enxergar a educação de maneira diferente, em que eu poderia estar no comando da sala de aula, que seria do meu jeito, porque desde pequena falava que nasci para mandar e não para ser mandada. Quando eu vi que estava na posição de mandar e não

de obedecer, como quando fui criança, quando eu sofri *bullying* e tinha que seguir o padrão da escola, percebi que eu, como professora, seria diferente. Isso fez com que eu seguisse fazendo pós-graduação em arte-educação e tentasse os concursos públicos para poder ingressar numa escola e ficar efetiva. Em 2016, eu fiz o concurso e efetivei em 2017.

Na escola pública, no fundamental, onde eu cursei o primeiro ano até a oitava série, até mesmo no ensino médio, não tive uma visão de professor como alguém que me incentivasse a fazer alguma coisa. Eu sofri muito preconceito em relação a uma síndrome que eu tenho, que traz uma deformação craniofacial e afeta a audição. Eu usava aparelhos auditivos desde um ano de idade e até entrar na faculdade, o aparelho auditivo era extremamente visível, parecia um *walkmen*, era uma coisa meio assustadora. Então, as crianças não queriam se enturmar, nem eu mesma queria me enturmar com outras crianças deficientes, e, naquela época, a escola não conscientizava quanto ao *bullying*, preconceito, porque eu mesma fui sentir isso na pele, entender o que era o preconceito, entender que o *bullying* era algo que poderia me afetar na vida, eu já era adulta.

Quando resolvi fazer uma segunda faculdade – porque eu achava que não queria ser professora – no último período, fui procurar estágio e eu teria que ter contato direto com o cliente; clientes de uma classe social alta, era *design* de interiores e eu não consegui nenhum estágio, porque todas as empresas foram bem claras em dizer que a minha aparência física iria afetar o contato com o cliente, o contato com o fornecedor, com depósito, então, apesar do meu currículo ser bom para eles, a minha aparência física não era. Foi quando eu falei: “o que eu vou fazer para mudar? Não tem como eu mudar minha aparência física”.

Aí eu parei para pensar, eu já tinha dado aula, sofri preconceito na época que eu era aluna, mas como professora eu nunca tinha sido questionada, nem por meus alunos, nem pelos meus colegas de trabalho, sobre o que é que eu tinha, se isso ia atrapalhar meu trabalho. Claro que tem alunos que são curiosos e perguntam: “Tia, o que aconteceu com você?” “Você está com sono?” “O que é isso na sua cabeça?” Mas uma curiosidade natural, que nunca colocou minha capacidade de trabalhar no meio disso tudo. Foi quando eu decidi abandonar essa segunda faculdade no último período mesmo e me dedicar à sala de aula. Daí resolvi mudar esse conceito de *bullying* e preconceito de todas as áreas, seja um preconceito em relação à aparência física, a gênero, à sexualidade, cor, raça, entre várias outras coisas, e isso é um tema que eu abordo semanalmente nas salas de aulas. Não é de vez em quando, é semanalmente, e tá sendo mais natural do que foi na minha época, quando o professor não podia nem parar para falar o que era. Eu tive uma professora que disse que eu tinha que aprender a lidar com isso, principalmente os alunos, os colegas xingando, batendo, botando apelido, a culpa era minha. Já disseram que se eu nasci assim era porque meus pais cometeram pecado no passado. Já ouvi de professor que pessoas deficientes têm que andar juntas e

não todo mundo junto. Agora, comigo em sala de aula, é o contrário, todo mundo tem que andar junto, independentemente de qualquer coisa.

As duas escolas em que trabalho – uma próxima da outra e também uma mais violenta que a outra – têm um problema muito sério que é a religião; a religião predomina na comunidade. Tudo que eu, como uma professora, quero trabalhar, tem que passar pela comunidade antes. Uma vez eu fui dar aula, era em março desse ano, eu estava com este vestido, estava uma sensação térmica na sala de aula de 44°C, um calor desses, a escola sem estrutura, sem ventilador, mas jamais me preocupei com a maneira que eu iria me vestir. Quando chegou lá no intervalo eu fui comunicada pela pedagoga que uma mãe me viu acompanhando os alunos até a sala de aula e falou que tinha uma piriguete dando aula, porque estava com um vestido curto. Então eu conversei com a escola e ninguém me falou para ir mais com esse vestido, porque a mãe não aprovara. Eu não me preocupei mais em relação à roupa, mas me preocupo em relação ao que a comunidade pensa da gente. Já questionaram a diretora sobre qual processo o professor passa para estar lá. “É a diretora que chama?” Tem pai que acha que a diretora vai na rua e cata um professor.

A professora Tatiana não atribui a sua escolha pelos *espaçotempos* escolares às boas recordações de seu tempo de escola, assim como sua formação em artes visuais também não despertou nela o desejo do exercício docente. Ao longo de sua fala, vamos percebendo um pouco do caminho percorrido em seu processo de formação e o momento que percebe que sua presença nos *espaçotempos* escolares, na condição de docente, poderia ser um lugar de produção de *saberesfazeres* outros ao abordar temas como discriminação e preconceito, diferente do que vivera na sua experiência como estudante. O lugar de *poder* que passou a ocupar não seria exercido com práticas de repetição do que vivenciara; ela escolhe tratar sobre situações que abordam a diferença não como elemento de produzir exclusão, mas com a abordagem constante sobre o tema para buscar despertar em seus estudantes a possibilidade de pensar a diferença como potência.

A relação com a comunidade escolar, apresentada em sua fala, destaca os limites que cerceiam seu cotidiano enquanto professora de artes. Há temas que não podem ser apresentados por supostamente representarem uma oposição ao pensamento dos religiosos que fazem parte do entorno.

O vestido da professora, em um dia quente de verão, lhe valeu uma classificação que não atende aos enquadramentos do *rosto professora*. “Quais os critérios que a escola usa para escolher seus professores?”, pergunta uma responsável. Há de se repensar tais critérios quando as docentes que compõem a instituição não possuem o rosto que a máquina abstrata o reconhece como pertencente a uma professora. O currículo aqui entendido como o conjunto de saberes que compõem o fazer escolar deve se enquadrar no *rosto aluno*. A professora Tatiana não se reconhece no rosto professora refletido no espelho do olhar do outro.

O quimono – Shênia



Imagens do acervo da pesquisa. Foto: Maíra Mello

Eu brincava de ser professora, mas eu não tinha o sonho de ser professora. Pobre não tem o sonho de ser nada. Eu estudei no ensino médio o curso técnico de contabilidade para ser auxiliar de contabilidade ou, no máximo, secretária. Mas vim para o Rio aos 19 anos; sou de uma cidade pequena, do interior, Nova Friburgo. Sofri muito preconceito lá porque eu não sou apenas homossexual, eu sou homossexual que dá uma mancha, uma pinta enorme. Perdi o meu primeiro emprego por conta de ser homossexual e aí vim para o Rio de Janeiro (...).

Quando comecei a fazer faculdade eu não queria ser professora, queria trabalhar com tradução, por isso escolhi Português/Inglês, mas aí é fogo, quando entrei na sala de aula para dar minha primeira aula, aí f*** u de vez! Não existe um lugar que eu me sinta melhor que a sala de aula e é por isso que é o lugar onde eu sou mais sapatão (risos), porque eu me sinto muito confortável, eu me sito à vontade, eu fico emocionada, eu fico muito feliz. Eu fiquei muito tempo longe de sala, eu sinto falta, mas é impossível eu não ser eu mesma lá.

Meu ensino médio foi horrível, eu terminei muito nova, com 15 anos. Eram professores que faziam *bullying* comigo, a própria direção chegou a me chamar só porque eu estava conversando com uma amiga no

banheiro; daí eu fui chamada pela direção do colégio porque entendiam que eu queria experimentar coisas novas. Eu dizia assim: “eu nem experimentei nada ainda, na verdade eu nem sei o que é o novo” e isso foi muito difícil e foi assim a vida toda. (...)

Um dia, minha mãe foi me procurar na ginástica olímpica e eu não estava lá. Eu estava querendo fazer Karatê. Eu já tinha brigado com meia turma que tinha implicado comigo. E aí eu gosto muito do meu quimono porque não tem quimono feminino ou masculino, não existe essa diferença. No Karatê ocidental a gente, nos campeonatos, a gente separou: mulher compete com mulher, homem compete com homem, mas isso não existe no Karatê tradicional, você é uma pessoa só e a gente tem um código de honra que a gente chama de “Dojo-Kun”, que são cinco mandamentos, todos eles começam com a palavra *hitotsu*, que significa “em primeiro lugar”, quer dizer que todos são importantes, não existe uma coisa mais importante que outra e o primeiro de tudo é respeito; respeito e cortesia. Então, quando você veste um quimono e entra no *dojo*, você não é um homem, você não é uma mulher, você é uma pessoa, e você precisa do outro. Se é mulher, se é homem, se é criança, o respeito é sempre o mesmo. Então, essa coisa de você se despir da sua sexualidade – porque você se despe mesmo da sua sexualidade – para você virar uma coisa com os outros, com um conjunto, isso faz eu me sentir muito bem. Mas é por isso que o quimono é muito importante para mim. Foi lá que eu me senti mais respeitada, foi lá que eu resgatei minha autoestima, que eu entendi que os corpos não são mostrados, eles são respeitados pelas suas idades, pelo que eles podem fazer, pelo que eles contribuíram para o outro. Você não é boa porque faz o melhor movimento, você é boa porque você serve para me ajudar a crescer também e esse é o princípio da educação freireana, aprender com o outro o tempo todo, Karatê você faz sozinho. E lá dentro você não tem isso, não tem um homem que é o melhor. Por isso, para mim, isso é tão representativo, eu coloco isso aqui e acabou, eu sou só a Shênia.

O quimono é uma peça relevante para Shênia, porque ele borra a imagem que pretende classificar o corpo por gênero. Sem ele, o corpo não exhibe os traços necessários à produção da classificação, do dualismo de gênero. A rostidade não alcança a professora “sapatão”. Ela encontrou nas artes maciais um *espaçotempo* em que as relações pessoais e de poder não se produzem e se reproduzem partindo de uma correlação binária. Ainda com Deleuze e Guattari (2012).

(...) a máquina abstrata de rostidade assume um papel de resposta seletiva ou de escolha: dado um rosto concreto, a máquina julga se passa ou não passa, se vai ou não vai, segundo as unidades de rostos elementares. A correlação binária desta vez é “sim-não” (p. 49).

A peruca – Anna Paula



Imagens do acervo da pesquisa. Foto: Maíra Mello

Meu nome é Anna Paula, sou professora de educação infantil. Quando eu cheguei na faculdade, eu me apaixonei pela educação infantil, então eu me intitulei professora de educação infantil, eu não me intitulei professora no geral, apesar de já ter dado aula em (escola) particular, na EJA e para crianças pequenas de 8 anos, eu preferi trabalhar com criança pequenininha, de 0 a 3 anos. É a minha praia.

Eu achei uma escola na zona sul de classe alta que estava precisando de uma estagiária, e como era uma oportunidade que seria mais “fácil” de entrar, porque era indicação, eu acabei indo. Eu lembro que desde a entrevista inicial, eles gostaram muito do meu perfil, e eles falavam isso: “perfil”. Eles não falavam: “gostei da sua história”, “gostei do seu trabalho”, eles falavam: “eu gostei do seu perfil”. Na época eu era muito novinha, deveria ter uns 20 anos; eu achava que era normal a pessoa se referir a você como “perfil”. Hoje em dia, eu vejo que perfil era “perfil” (aponta enquadrando o rosto). Branca, cabelinho no estilinho padrão e esse jeito mega-fofa que eu falo quando estou muito à vontade. Aí eu entrei como estagiária e almejava ser professora lá dentro, mas

realmente era muito difícil, era uma escola superconcorrida e todo mundo sempre falava: “é impossível, é impossível, é impossível!” Só que é impossível, por quê? As outras estagiárias – e isso é horrível dizer – mas a maioria das estagiárias eram “fora do padrão”, eram negras, eram gordas, eram com o cabelo estranho e isso fazia com que elas não pudessem ser professoras lá, e isso eu não entendia na época, porque tinha muita gente lá que era muito boa, só que era negra e não podia ser professora. É ridículo isso. E lá nessa escola éramos 25 professoras de educação infantil, professoras mesmo, que lideravam a turma. E, dessas 25, uma era negra. (...)

Só que quando eu virei professora, foi o ápice da minha vida, foi o primeiro ápice na minha vida profissional. Eu me sentia superconfortável, na época eu não tinha noção de onde estava me metendo, eu não enxergava aquilo da maneira que realmente era, eu conversava muito sobre o meu papel dentro da escola e estava em êxtase. Na época – eu sempre quis – eu pinte o cabelo de laranja, eu era professora dessa escola, classe A, da zona sul. Assim que eu pinte não teve problema nenhum. A minha coordenadora falou que estava bonito e tal, dá aquele charminho, só que depois de mais ou menos um mês começou um clima estranho, ela começou a dar uma ignorada de leve, eu sentia que ela não estava me tratando mais como ela me tratava. Um dia, eu cheguei na sala dela para conversar sobre um assunto lá da escola e ela falou para mim com todas as letras que eu teria que pintar meu cabelo de volta, que meu cabelo laranja não era natural; ela usou outras palavras: “não existe gente que nasce com os cabelos laranja, isso não é natural”. Na hora, eu até falei para ela: “o seu cabelo é loiro e pintado, também não é natural”. E ela falou assim: “Não, mas é muito mais comum, porque você não pensa num loiro, num platinado?” Aí eu falei: “Porque eu não gosto, simplesmente porque não é a minha cara, porque não acho legal”. Então você imagina, para uma pessoa que acabou de ter o sonho realizado de ser professora, ouvir uma coisa dessa. Eu era muito novinha, então naquele momento eu me vi num dilema, porque assim que eu entrei para a UERJ eu passei a ser muito mais reflexiva sobre a minha posição, como mulher, como professora e quando eu me vi naquela situação, eu pensei: “Gente, eu vou ser vendida ou vou ser Anna Paula?” Na época, eu refleti muito, eu levei em consideração toda a conjuntura e falei assim: “Não, vou pintar meu cabelo com paz na minha mente para que eu possa conseguir continuar nessa escola, que é uma coisa que eu quero agora, isso não vai me mudar”. Eu fiz essa paz comigo mesma, pinte o cabelo. Isso foi no mês de junho; em dezembro, eu fui demitida. (...) Depois que fui demitida, fui procurar outro emprego, batendo de escola em escola, sempre procurei ocupar o espaço de professora de educação infantil, porque é quem eu sou, eu sou professora de educação infantil e quando eu chegava nas escolas as pessoas perguntavam: “Será que você não quer uma turma maior? Porque você é muito grande, é muito alta”. Aí eu ficava pensando assim: “Será que para ser professora de educação infantil você tem que ser pequena? Tem que ser anã, talvez, miudinha?” Porque realmente eu sou uma pessoa grande, não sou uma pessoa enorme, tenho 1.71m de altura; não sou enorme, mas sou grande pra dar aula pra criança pequena, tem gente que acha estranho. Eu fui nessa escola que eu trabalho hoje em dia, que foi a escola que eu estudei e eu ouvi isso de novo. Eu estava tentando convencer a minha diretora que eu servia para fazer aquele papel, falei dos cursos, da experiência, da

pesquisa, a convenci! Beleza, na época não tinha turma de maternal e ela resolveu me colocar no pré (pré-escola). Fiquei um ano no *pré* e voltei para o maternal. Aí quando eu voltei pro maternal, volta essa questão do “perfil” da professora de criança pequena. Ela me chamou, porque os pais estavam reclamando de mim, porque achavam que eu era muito distante das crianças, sendo que nessa escola nova que eu trabalho, os pais não entram na sala de aula, eles não circulam, eles não veem o que está acontecendo. Só que eles viam só na entrada e na saída e eles achavam que eu era distante das crianças. Essa era a palavra que eles usavam. E quando a irmã que é diretora (lá é uma escola católica) ela me pediu para sentar e falou: “Você tem filhos?” Aí respondi que não tinha filhos. Ela segue: “Mas tem alguma criança na sua família?” Eu: “Não!” Aí ela falou: “Não sei se você sabe como é que lida com criança...” Eu falei para ela: “Eu sei o quanto que eu estudei, desde que entrei na faculdade; cinco anos estudando sobre educação infantil, eu sei isso, não sei se é o suficiente para você”. “Ah, não, você estudou sim, claro, mas às vezes o tato com crianças tem que ter um tom maternal, de mãe, de cuidado, de ser mais próxima à criança”.

Para ser professora de uma instituição de ensino, a candidata à vaga deve mostrar que tem o “perfil”. A professora Anna Paula ouviu e, depois de um tempo, passou a entender do que se tratava. Reparou entre suas colegas quem não tinha os traços que a *máquina abstrata* da *rostidade* indicada para ocupar a posição tão desejada naquela escola, isso incluía seu cabelo, que depois de um tempo, se tornou laranja. Para a instituição, não era “natural”, com isso ela se deslocou e, conseqüentemente, foi demitida. Ao buscar outra instituição, novamente surge um empecilho, a altura. Não pode ser muito alta. Por fim, desse recorte que ela nos traz, em outro momento, faltou o “tato” e o “tom maternal”, segundo a representante da instituição, para atuar com aquelas crianças, para convencer aqueles adultos da sua condição, do seu rosto de professora.

Assim, as três narrativas nos ajudam a refletir sobre os processos de formação si e a produção de mundos. Conforme Kastrup (2005, p. 1276), *o si e o mundo são co-engendrados pela ação, de modo recíproco e indissociável. Encontram-se, por sua vez, mergulhados num processo de transformação permanente*. Desse modo, professoras se formam e são formadas, são produtos e produtoras de mundos, engendradas num processo permanente de transformação, escapando ao rosto e às rostificações, criando o clandestino, como bem nos apontam Deleuze e Guattari (2012).

(...) se o homem tem um destino, esse será mais o de escapar ao rosto e às rostificações, tornar-se imperceptível, tornar-se clandestino, não por um retorno à animalidade, nem mesmo pelos retornos à cabeça, mas por devires-animais muito especiais, por estranhos devires que certamente ultrapassarão o muro e sairão

dos buracos negros, que farão com que os próprios traços de rostidade se subtraíam à organização do rosto, não se deixem mais subsumir pelo rosto, sardas que escoam no horizonte, cabelos levados pelo vento, olhos que atravessamos ao invés de nos vermos neles (p. 40).

A ideia de “subtração da rostidade, da organização do rosto” de Deleuze e Guattari nos leva de volta ao conto, em que o personagem sugere em sua reflexão que a vida é “experiência séria” e que nos exige despojamento do que nos obstrui, nos cerceia, nos soterra. Podemos, assim, pensar as possibilidades de ultrapassar os muros e escapar dos buracos negros.

Do que digo, descubro, deduzo. Será, se? (...) Se sim, a “vida” consiste em experiência extrema e séria; sua técnica — ou pelo menos parte — exigindo o consciente alijamento, o despojamento, de tudo o que obstrui o crescer da alma, o que a atulha e soterra? (ROSA, 2019, p. 75).

Mas, então, está irremediavelmente destruída a concepção de vivermos em agradável acaso, sem razão nenhuma, num vale de bobagens? (op.cit.). Sim, destruímos essa concepção nos valendo da fabulação que contribui para nossos processos de subjetivação, nossos processos de formação, além de ousar a pensarmos em professoras que vão além do rosto, que fazem de suas trajetórias experiências de produção de mundos, escampando pelas brechas das amarras limitadoras da rostidade.

Referências

ALVES, N.; CALDAS, A. N.; ANDRADE, N. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas “conversas” acerca deles. *In*: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SÜSSEKIND, Maria Maria Luiza. (orgs.). *Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas*. Curitiba: CRV, 2019.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução: Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia C. Leão e Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

KASTRUP, Virgínia. Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre. *Revista Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1273-1288, set./dez. 2005.

KASTRUP, Virgínia. *A Invenção de si e do mundo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARQUES, D. Entre fabulações de uma formação docente. *Revista Digital do LAV*, [s.l.], v. 8, n. 2, p. 160-174, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1983734819870>. Acesso em: 10 ago. 2020.

ROSA, João G. O espelho. In: *Primeiras estórias*. 1. ed. São Paulo: Global editora, 2019.